

CLIPPING

04/2020

14 de Fevereiro de 2020

EDUCAÇÃO

- Pós-graduação muda para ter mais relevância
- Veiga de Almeida atrai Ânima
- Grupo educacional SEB compra controle da operação global da Maple Bear
- PEC própria do MEC para Fundeb enfrenta resistência
- Curso prepara jovens aprendizes para atuar na área de tecnologia
- Cognia define preço de R\$ 11 por ação em oferta
- Ilumino, à venda há quase dois anos, atrai Ânima, que tem dinheiro para comprar



Pós-graduação muda para ter mais relevância

Escolas incluem temas do mercado e facilitam financiamento

Negócios do vinho, investimentos em startups, transformação digital, fintechs e gestão de carreiras de figuras públicas. Esses são alguns dos novos temas de cursos de pós-graduação que grandes instituições privadas de ensino, ouvidas pelo Valor, vão lançar neste ano.

As escolas apontam novas tendências, como a personalização (ou customização) de disciplinas de acordo com as necessidades do aluno e um avanço de 20% das aulas on-line no total da grade.

Como desde 2017 foi estimada uma queda de até 60% no número de empresas que custeiam a formação dos funcionários, elas estão facilitando o pagamento, com a ampliação do prazo de parcelamento de 24 para até 36 meses. Os preços partem de R\$ 5,4 mil e podem chegar a R\$ 91,9 mil, de acordo com o programa, a duração e o conteúdo.

Fonte: Valor



Veiga de Almeida atrai Ânima

Grupo de ensino chegou a comprar ativo no fim de 2014, mas o negócio acabou desfeito meses depois, por causa das mudanças no Fies

Há quase dois anos, a americana Ilumno, dona da Universidade Veiga de Almeida, no Rio, e da Unijorge, em Salvador, tenta vender seus negócios no Brasil. O Valor apurou que além do Grupo SEB e da Ser Educacional, a Ilumno está negociando com o grupo Ânima, que tem chances reais de fechar a compra.

O site Brazil Journal informou ontem que Ânima estaria perto de obter a exclusividade na negociação.

Uma fonte próxima da operação confirmou ao Valor que a Ânima tem grande chance de fechar a compra pois está com dinheiro em caixa - há poucas semanas, captou mais de R\$ 1 bilhão em uma oferta subsequente de ações.

Essa fonte afirmou que o Grupo SEB estaria disposto a oferecer R\$ 600 milhões pelo negócio, mas não mais do que isso. A Ânima pode oferecer mais. Para essa fonte, é uma questão de preço.

Como o Valor informou em abril de 2018, a Ânima comprou no fim de 2014 a Veiga de Almeida e a Unijorge por R\$ 1,1 bilhão. Mas a transação foi desfeita quatro meses depois, por conta das mudanças repentinas nas regras do Fies, programa de financiamento estudantil do governo federal. Na época, a Ilumno – cujo nome era Whitney até 2016 – tentou negociar toda operação na América Latina por US\$ 1 bilhão, mas não conseguiu interessados e acabou vendendo só as faculdades brasileiras. A Ilumno também presta serviços de gestão administrativa e pedagógica no Brasil e outros países da América Latina.

Fonte: Valor



Grupo educacional SEB compra controle da operação global da Maple Bear

Marca está presente em mais de 20 países, com 458 escolas e mais de 40 mil alunos

O grupo de educação SEB anunciou a compra do controle global da operação da rede de escolas Maple Bear.

O valor da operação, paga totalmente em dinheiro, com recursos do SEB, não foi revelado. Rodney Briggs, fundador e presidente da rede de escolas, manterá uma participação de 30% e o comando da operação.

A Maple Bear está presente em mais de 20 países, com 458 escolas e mais de 40 mil alunos. Até o fim do ano serão de 50 mil a 55 mil. O Brasil, onde a empresa está presente há 14 anos, é a maior operação, com 30 mil alunos e 145 escolas. O SEB assumiu como franqueador máster da rede de franquias educacional de origem canadense há três anos. Desde então, a operação dobrou de tamanho.

A expectativa é que a operação seja o impulsionador do processo de internacionalização do grupo brasileiro. "A Maple Bear é tímida no mundo, tem muito para crescer. O foco será esse. Em cinco anos queremos ter no mínimo 300 mil alunos", disse Chaim Zaher, presidente do grupo SEB, durante evento com jornalistas em São Paulo. De acordo com o executivo, a rede Concept, que está no Vale do Silício (EUA), também será expandida. "Estamos de olho em oportunidades", disse.

o investimento em uma franquia da Maple Bear começa em R\$ 1,5 milhão no Brasil. Em Cingapura, o valor pode chegar a US\$ 4 milhões, segundo Briggs. "O valor depende muito da estrutura de custo em cada país", disse.

De acordo com Chaim, a operação entra no ponto de equilíbrio com 100 alunos.

Questionada sobre a possibilidade de uma abertura de capital, Thamila Zaher, diretora executiva do grupo SEB, disse que a empresa está altamente capitalizada e com baixo endividamento, e, por isso, não tem necessidade de fazer um processo desse. De acordo com Chaim, o momento é favorável e a companhia não deixa essa opção fora do radar, mas não tem necessidade de fazer isso agora. "Estamos de olho em tudo o que aparece", disse Chaim.

Sobre a possibilidade de aquisição do grupo Ilumino, Chaim não quis comentar. O executivo disse apenas que o SEB não está deixando de olhar oportunidades.

O grupo tem receita superior a R\$ 1,2 bilhão, sem contar o Maple Bear. Em 2019, a Maple Bear teve receita de R\$ 710 milhões no Brasil. A expectativa é chegar a R\$ 1 bilhão em 2023 - com 300 escolas no Brasil e 80 na América Latina.

Fonte: Valor



PEC própria do MEC para Fundeb enfrenta resistência

Ministério da Economia teme que o gesto desagrade aos parlamentares e acabe gerando pressão por mais gastos

A ideia do Ministério da Educação (MEC) de apresentar uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) própria sobre o Fundeb enfrenta resistência dentro do próprio governo, segundo uma fonte. Embora o discurso oficial continue o de enviar um texto prevendo alta de 10% para 15% nos repasses da União ao fundo, o Ministério da Economia teme que o gesto desagrade aos parlamentares e acabe gerando pressão por mais gastos.

Ciente da perda de protagonismo nesta discussão, o governo prefere buscar fontes de recursos para bancar o novo Fundeb a comprar briga com os deputados.

o distanciamento da Economia e da Educação nesse tema ganhou força nos últimos dias após o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), ter elevado o tom das críticas a Abraham Weintraub (Educação). A avaliação dominante hoje é de que Maia vai pautar, em março, a PEC 15/15, de relatoria de Dorinha Seabra (DEM-TO).

Na próxima terça-feira, a deputada Dorinha deverá apresentar o relatório final da PEC à comissão especial que discute a reformulação do principal mecanismo de financiamento da educação básica. Isso abre espaço para votação em plenário já no próximo mês.

O Fundeb responde por 63% do financiamento da educação básica e é composto por uma parcela de impostos estaduais, redistribuídos pelo governo federal. A União acrescenta 10% sobre o valor total do Fundeb aos Estados que não atingem o valor mínimo de investimento por ano.

No ano passado, isso foi o equivalente a R\$14,5 bilhões.

Como mostrou o Valor, a relatora deve desistir de aumentar a contribuição da União ao fundo para 40%, percentual previsto em minuta apresentada no ano passado. O número deve ficar perto de 20% já para 2021.

Maia também é a favor de outra premissa que deve constar no texto final da PEC, a de tornar o fundo permanente, segundo uma fonte. Isso também vai na contramão do que tem sinalizado a Economia nos últimos dias. Segundo a "Folha de S.Paulo", partiu do ministério a sugestão de colocar prazo de validade de dez anos no novo Fundeb. Foi nesse contexto que o governo acenou com a possibilidade de abrir mão de sua parte no salário-educação, contribuição social repartida entre os entes para complementar o financiamento do ensino básico. No entanto, há resistência para que isso ocorra porque, em contrapartida, a União sugeriu se desobrigar de bancar programas como o de alimentação escolar.

Também foi desse debate que surgiu a ideia de destinar recursos dos fundos constitucionais ao Fundeb, levantada nos últimos dias.

Na PEC de Dorinha, o aumento de recursos deve obedecer a alguns critérios. Para evitar perda de arrecadação de um ano a outro, as regras de distribuição dos atuais 10% devem ser mantidas.

Até 15% - o piso previsto para o aumento, uma vez que é a proposta original do governo - o dinheiro extra será usado para buscar mais equidade, olhando para o valor investido em cada rede de ensino - e não mais apenas para o agregado dos Estados.





De 15% em diante, a ideia é repartir os volumes adicionais em três partes iguais. Um terço ainda iria para diminuir as desigualdades regionais; outro terço, para valorizar os que adotarem boas práticas, como uso de critérios técnicos (e não políticos) para preencher cargos de gestão escolar; e a parte restante, para induzir bons resultados, a partir de acompanhamento das notas do Ideb e de outras métricas que ainda serão formatadas.

Fonte: Valor

Curso prepara jovens aprendizes para atuar na área de tecnologia

Programa liderado pela CVM, Banco Mundial e Senac quer ajudar a transição entre escola e trabalho

A grande demanda por profissionais de tecnologia no setor financeiro levou a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) a se unir ao Banco Mundial e ao Senac para a criação de um programa de capacitação de jovens brasileiros que abrange programação até blockchain. A turma piloto do "Programa Seu Futuro" se formou em 2019 e a ideia é, a partir do segundo semestre, expandir a formação para programas de jovens aprendizes no Brasil.

"Fomos procurados pelo Banco Mundial para fazer uma avaliação de impacto no país buscando resolver a transição da escola para o emprego. O foco era educação financeira, mas achamos que seria importante trazer algo que fizesse diferença em termos de profissionalização. Sugerimos uma academia, não só de programação, mas de blockchain", disse José Alexandre Vasco, superintendente de orientação e proteção aos investidores da CVM.

O piloto do curso foi oferecido a jovens da Vila Olímpica da Pavuna, bairro da zona norte do Rio de Janeiro e estava dividido em duas opções, sendo uma com foco em educação financeira e empreendedorismo e outra voltada para programação e blockchain.

Thais Sousa, de 19 anos, foi uma das alunas do curso concluído em dezembro.

Após participar, foi contratada pela fintech Trampolin, focada na inclusão financeira de jovens, adolescentes e pessoas sem acesso a serviços bancários.

Thais entrou como jovem aprendiz e tem perspectiva de ser efetivada. Ela vai atuar na área de programação, conforme aprendeu no curso, com a utilização das linguagens HTML e CSS.

"No início foi complicado aprender, mas os professores eram qualificados", disse ela, que começou no novo trabalho no início deste mês. A empresa funciona no Instituto Gênesis, da PUC-RIO. Animada com a oportunidade, a jovem quer conciliar mais cursos de capacitação na área com a também recém-iniciada faculdade de psicologia e as aulas de teatro.

Na nova fase do curso, prevista para começar no segundo semestre e de forma gratuita, o conteúdo será maior. Ao todo, serão 800 horas de aprendizado e de 80 a 100 professores do Senac. "Nós decidimos que trabalharemos com o programa Jovem Aprendiz", diz Vasco. A Lei da Aprendizagem (nº 10.097/2000) determina que uma cota entre 5% e 15% das vagas das companhias consideradas de médio e grande porte seja destinada aos jovens estudantes ou formados entre 14 a 24 anos.

O primeiro semestre deste ano foi reservado para o contato com empresas, que podem se inscrever pelo e-mail: aprendiz4.0@senac.br. O Banco Mundial estima que é necessária a participação de 700 jovens - cerca de 100 por Estado. O programa terá conteúdo técnico em programação para a web e em tecnologia para a área financeira, do desenvolvimento de sites a blockchain.





No caso desta última tecnologia, serão ensinados os princípios de seu design, o reconhecimento de seus termos, como minerador, smart contract e identidade soberana, além dos desafios de sua implementação.

O curso também inclui estudo de inglês. O objetivo é colocar o jovem perto do setor chave da empresa, e não apenas vinculado a posições de baixa complexidade. A proposta curricular [capacitar aprendizes em TI] é inovadora, diz Anna Beatriz Waehneltd, diretora de educação profissional do Senac. A maior parte dos cursos de jovens aprendizes é voltada para a área administrativa e para o comércio. "Há necessidade de aproximar a proposta desses cursos de aprendizes às demandas das empresas".

O Brasil tem cerca de 400 mil jovens aprendizes, sendo 170 mil das matrículas feitas via Senac. "A CVM nos trouxe essa necessidade. Hoje, preciso que os jovens tenham domínio do novo mercado de tecnologia financeira. No varejo e no setor administrativo, a automação está crescendo. Precisamos olhar para o futuro para que ele possa ingressar, se manter e ter perspectiva de mobilidade no mercado de trabalho", diz Anna.

O programa foi pensado para atender os jovens que enfrentam problemas na transição da escola para o emprego. Quase metade -48% - das pessoas entre 18 e 29 anos com ensino médio completo estavam em busca de emprego no segundo trimestre de 2019, segundo levantamento da consultoria IDados, a partir da

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse contingente representa 5,78 milhões de pessoas. A taxa de desemprego desses jovens era de 22,46%.

Ao mesmo tempo, o Brasil tem 33% das fintechs da América Latina e sobram vagas para profissionais de tecnologia. Empresas como a Target Meios de Pagamento sentem dificuldade para contratar. Das oito vagas recentes para programadores (incluindo juniores), só conseguiu preencher uma. Há o problema da qualificação dos profissionais e há a supervalorização de salários para programadores com curso técnico é de R\$ 3 mil.

"Se trazer um talento com remuneração dobrada, tenho que dobrar a de todos", diz Rego.

Para aliviar esse problema, a fintech de crédito Mutual optou por ter 30% de sua mão de obra remota. "Capacitamos e os conectamos a funcionários seniores", diz Victor Fernandes, diretor de marketing. Os outros 70% dos empregados que ficam no Rio têm horários flexíveis e podem trabalhar de casa.

Fonte: Valor



Cogna define preço de R\$ 11 por ação em oferta

Companhia alocou a oferta base e o lote adicional e captar R\$ 2,56 bi

O grupo de educação Cognia fixou preço de R\$ 11 por ação em sua oferta subsequente (follow-on). O desconto foi de apenas 1,34% sobre a cotação de fechamento, de R\$ 11,15.

A companhia alocou a oferta base e também o lote adicional. Com isso, a companhia vai captar R\$ 2,56 bilhões.

Os coordenadores da oferta foram os bancos Itaú BBA, BTG Pactual, Morgan Stanley, Bradesco BBI, Credit Suisse, Santander e J.P. Morgan.

Fonte: Valor



Ilumno, à venda há quase dois anos, atrai Ânima, que tem dinheiro para comprar

Além das faculdades próprias, a Ilumno presta serviços de gestão administrativa e pedagógica no Brasil e outros países da América Latina

Há quase dois anos, a americana Ilumno, dona da Universidade Veiga de Almeida, no Rio, e da Unijorge, em Salvador, tenta vender seus negócios no Brasil. O Valor apurou que além do Grupo SEB e da Ser Educacional, a Ilumno está negociando com o grupo Ânima, que tem chances reais de fechar a compra.

O site Brazil Journal informou hoje que Ânima estaria perto de obter a exclusividade na negociação. Uma fonte próxima da operação confirmou ao Valor que Ânima tem grande chance de fechar a compra pois está com dinheiro suficiente em caixa - há poucas semanas, captou mais de R\$ 1 bilhão em uma oferta subsequente de ações.

Essa fonte afirmou que o Grupo SEB estaria disposto a oferecer R\$ 600 milhões pelo negócio, mas não mais do que isso. Ânima pode oferecer mais. Para essa fonte, é uma questão de preço.

Como o Valor informou em abril de 2018, Ânima comprou no fim de 2014 a Veiga de Almeida e a Unijorge por R\$ 1,1 bilhão. Mas a transação foi desfeita quatro meses depois por conta das mudanças repentinas nas regras do Fies, programa de financiamento estudantil do governo federal. Na época, a Ilumno - cujo nome da empresa era Whitney até 2016 - tentou inicialmente negociar toda a operação na América Latina por US\$ 1 bilhão, mas não conseguiu interessados e acabou vendendo apenas as faculdades brasileiras. Na época, Ânima não adquiriu os ativos dos demais países, mas pretendia fazer parcerias no segmento de ensino a distância com as instituições da Ilumno na América Latina.

Além das faculdades próprias, a Ilumno presta serviços de gestão administrativa e pedagógica no Brasil e outros países da América Latina.

Fonte: Valor

